



Navegar é preciso

(F. Pessoa)



Olga de Sá



RESUMO

O artigo focaliza a nova postura do escritor e do leitor, provocada pelas novas tecnologias e sua repercussão no processo de ensino-aprendizagem.



ABSTRACT

The article focuses on the new position of the writer and the reader, caused by new technologies and their impact on the teaching-learning process.





PALAVRAS-CHAVE

Leitor - Internet - Tecnologia-
Escritor.



KEY WORDS

Reader - Internet - Technology -
Writer.

É difícil definir a revolução eletrônica, se a compararmos com a revolução da imprensa. Segundo Chartier (1998), trata-se de uma fratura, um corte. À tela do computador não se pode atribuir, simplesmente, o termo *objeto*. O texto eletrônico já não é manuseado, diretamente, pelo leitor. O leitor do livro, em rolo, na antiguidade, o leitor do livro medieval, moderno ou contemporâneo encontra um texto organizado em páginas, folhas ou cadernos. O texto na tela do computador tem outra estruturação. As fronteiras do texto, na tela, não são mais visíveis. O leitor pode embaralhar, cruzar textos inscritos na mesma memória eletrônica. Trata-se de uma revolução radical.

O pesquisador, ao embaralhar textos, embaralha mesmo sem perceber que não organizou seu texto, mas realizou um quebra-cabeça, insolúvel. Remete para outro *link*, sem perceber o que faz, de modo que quem o recebe sabe que é uma cópia, deixando, inclusive, a indicação do *site*. A eletrônica torna possível uma relação não corporal com o texto; a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, amplia-se, instaurando uma distância entre o autor e seu texto.

Todo mundo pode tornar-se crítico, no mundo dos computadores. Mas, quando o *pesquisador* só quer fazer colagens e livrar-se depressa da tarefa de pesquisa, deixa a outro, o professor, a seleção e o julgamento. Quanto a ele, acumula um texto sobre outro, feliz por ter encontrado na Internet onisciente e onipotente, todo o material de que necessita. Na sala de aula, é seu triunfo definitivo, inquestionável: *achei na internet!*. Os que não acharam, ou porque não *navegaram* ou não têm computador nem acesso a ele numa Biblioteca, ou não sabem usá-lo (o que é raro), quedam-se derrotados. São os analfabetos da era digital. Na verdade, são os preguiçosos de sempre, incapazes de alguma curiosidade intelectual, *práticos* como se dizem, acomodados num sistema de ensino, que cada vez exige menos de suas possibilidades. O consumo cultural, via computador, é uma produção silenciosa, disseminada, anônima. Cada leitor, cada espectador, cada ouvinte pode produzir uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe (CHARTIER, 1998, p. 12-19).

Mas para isso, a invenção ou a criatividade deve transgredir as limitações dos significados. Hoje, poucas pessoas escrevem sem um computador. Diz Johnson (2001, p. 103):

Até escrever um bilhete, às pessoas, com caneta e papel me custa, como para um paraplégico a possibilidade de usar as pernas, de repente. Tenho de pensar sobre o ato de escrever, pensar conscientemente enquanto minha mão rabisca as palavras na página, pensar sobre o próprio ato.

Johnson lamenta, na escrita, a ausência do *fluxo fácil* do processador de textos. Caneta e papel para escrever lhe parecem instrumentos do mundo das cavernas. Nada mais se compara à dificuldade manifestada por poetas e escritores ante a resistência da página em branco. Como diz Johnson (2001, p. 103), na escrita a mão, parece que a própria identidade ficava garatujada na página, nos rococós das letras, nas hastes e pernas dos traços cursivos. São estados mentais incompatíveis, pois se trata de *bits* versus átomos, letras alcançadas por zeros e uns. De início, a mente sente-se pouco à vontade com o brilho fosco da tela, a manipulação, a princípio,

lenta, do *mouse*. Aos poucos, desaparece a sensação desagradável e instala-se o vício. As facilidades aumentam e a laboriosa aventura de redigir um texto, corrigi-lo mil vezes, a luta com a linguagem torna-se mais fácil, pois se anula o *errado*. Não sei, que futuro terá a Crítica Genética.

O escritor que usa um processador de texto muda seu modo de escrever. Modifica-se o processo de pensamento que se desenrola, paralelamente, ao processo de escrever. Podem-se escrever dez páginas no tempo em que se escreviam cinco. A escrita torna-se mais rápida, mais coloquial, mais descontraída nos *e-mails*: “uma fusão de carta escrita com conversa por telefone”. Para Johnson (2001, p. 104), “o efeito colateral mais intrigante do processador de texto reside na relação alterada entre uma frase em sua forma conceptual e sua tradução física na página ou na tela”. Usando o papel, elabora-se cada frase na mente, antes de transcrevê-la.

O substantivo tem de casar-se com o adjetivo adequado, o Silvio tem de encontrar a Silvia, como escreve, magistralmente Machado de Assis no conto: “O cônego ou metafísica do estilo”. O cônego Matias recebe a encomenda de um sermão para uma festa.

Os festeiros anunciam o sermão pelos jornais e o cônego começa, de má vontade, a escrevê-lo. Depois trabalha com amor, sob o influxo da inspiração. Até que esbarra num substantivo, que procura por Silvia, ligados por uma *afinidade secreta*. Procuram-se e acham-se. O rosto do cônego ilumina-se. “A pena, cheia de comoção e respeito, completa o substantivo com o adjetivo” (ASSIS, 1994, p. 570-71). E se não encontra o adequado, procura-o obsessivamente, rasura o texto, reescreve-o, sempre insatisfeito.

Havia um claro antes e depois no processo: eu (Steven) planejava de antemão o sujeito e o verbo, os advérbios e as orações subordinadas; ficava ajeitando o arranjo por um ou dois minutos, e quando a mistura parecia correta, voltava para o bloco pautado amarelo (JOHNSON, 2001, p. 105).

Era possível cortar e substituir palavras, mas era trabalhoso, como se vê nos rascunhos de certos escritores, tipo Guimarães Rosa. Machado pensava que em 2222, os leitores incrédulos que

tivessem lido seu conto em 1896, seriam substituídos por leitores esclarecidos. As páginas desse conto mereceriam uma apoteose, seriam uma *verdade comum*. Os governos decretariam que fosse ensinada nos ginásios e liceus. Todos abraçariam essa nova teoria. Machado não previu a escrita no computador.

O processador de textos elimina o sacrifício que as revisões impõem. Se o fraseado não estiver a contento, é possível arranjarem-se as palavras com alguns gestos rápidos com o *mouse*, e *delete*, a tecla mágica.

Processos de pensamento e digitação começaram a coincidir. Uma expressão vem à mente e as palavras estão na tela. Foi uma mudança sutil, mas profunda. As unidades fundamentais da escrita sofreram uma mutação, sob a magia do processador de textos.

Pode-se começar com blocos de períodos completos, pensando-se finalmente em blocos menores, em unidades de expressões discretas. Na escrita a mão impunha-se uma espécie de limite máximo para a complexidade das frases. Era preciso ser capaz de reter toda a sequência de palavras, na cabeça, o que significava que a mente tendia naturalmente para uma sintaxe mais simples, mais direta. No processador de textos, sempre é possível acrescentar mais uma frase, um ornato mais descritivo. Erra-se a gramática, perde-se a concordância, mas é possível voltar e consertá-la. Os períodos incham, revestidos de qualificações e alusões. “Podemos, de fato, estar no limiar de uma mudança do paradigma textual tão profunda quanto a que foi inaugurada com o surgimento do processador de texto” (JOHNSON, 2001, p. 107).

Da ficção científica pulamos para a realidade:

aprender à distância, pesquisar rapidamente em bibliotecas e arquivos de todo o mundo, participar de teleconferências, trocar informações com pessoas de qualquer lugar, ao vivo e em cores, e assistir às aulas de professores das melhores universidades do mundo, fazendo perguntas e recebendo as respostas na hora (JOHNSON, 2001, p. 107).

Estão ao alcance do teclado e do *mouse* do computador os textos

que antes só podiam ser encontrados pessoalmente, numa biblioteca distante, o quadro exposto num museu do outro lado do mundo, aquele mapa de que só o professor dispunha, animações especiais do corpo humano.

Mas pode-se confiar nos dados que chegam à tela pelas fibras óticas? Quem é o verdadeiro autor do texto consultado?

Será que foi o aluno quem realmente fez o trabalho apresentado ao professor?

Há também o desafio pedagógico: ganha-se em velocidade e em volume de informação, mas perde-se no que antes era proporcionado pela presença humana, o olho no olho, o contato físico.

Os especialistas em educação debatem em busca do máximo aproveitamento dos ganhos gerados pela nova mídia e de diminuir as perdas causadas pelo uso desses recursos.

O ensino à distância é uma abertura oferecida por essa nova tecnologia. Embora os padrões de qualidade devam ser rigorosamente mantidos ou criados, é urgente inventar novas metodologias adequadas a essa modalidade de ensino. Aumentar a participação efetiva dos alunos e dos professores no processo educativo, sem a presença de ambos, sem dúvida é um desafio. O próprio conceito de ensino-aprendizagem tem de ser revisto e recriado. Mas só experimentando, se pode conhecer e recriar. A internet é um instrumento poderoso: pode dar informações verdadeiras ou não. É preciso saber usá-la, ter espírito crítico, assegurar-se da seriedade das fontes.

O Professor é um provocador do conhecimento. O trabalho em equipe também garante contatos, controle e qualidade. O contato pode até intensificar-se, em comparação com o ensino presencial, em que alunos sejam individualistas ou estejam muito sobrecarregados de trabalho ou compromissos, fora da Escola. Chegam correndo e saem correndo. A solidão pode ser inimiga da aprendizagem. O Professor também pode tornar-se um grande solitário: dá sua aula, verifica as dúvidas, responde às perguntas e entra noutra sala de aula. Não conhece ninguém pelo nome.

Pela rede, os alunos podem comunicar-se com o Professor, a qual-

quer momento, contestar, discutir, levar o Professor a pesquisar mais, procurar outros caminhos, expressar-se mais claramente. Os alunos tornam-se conhecidos do Professor e as relações entre ambos podem ser muito mais próximas. Isto também pode acontecer com instrutores e monitores.

Quanto à autenticidade dos trabalhos dos alunos, não é um problema da internet, mas de moralidade.

Os *ghost writers* (escritores fantasmas) – os que são pagos para fazer os trabalhos da graduação ou das pós-graduações – multiplicam-se com o auxílio da internet, mas existem há muito tempo. Negociado o preço, o trabalho chega pronto para qualquer área ou nível de conhecimento. Pelo correio, ou por e-mail, a fim de garantir a aprovação. Cabe ao Professor criar sistemas de avaliação mais pessoais, por etapas, mais participativos. Professores mal pagos, orientadores de teses vaidosos, ausentes ou mal-humorados, merecem trabalhos pagos.

Na rede, muitas vezes, a pesquisa se torna mais prazerosa e impõe-se a idéia de que ninguém é dono do conhecimento como pensam alguns medalhões institucionalizados. Hoje, depositamos nossos ídolos no altar da informação. Os analistas digitais são uma nova casta de profetas e sacerdotes, como insinua Johnson (2001).

Todo esse aparato extraordinário que faz a cabeça das crianças e dos jovens, no mundo contemporâneo, não pode substituir a falta de reflexão que esvazia a existência humana de seu sentido fundamental.

Que nos sirvamos das novas tecnologias para mais saber e melhor viver, incluindo os caminhos da justiça e da paz.



REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Tradução Maria Luise de H. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ASSIS, Machado de. O cômico ou metafísica do estilo. In: _____. **Várias histórias**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. [Obra Completa, v. 2]

A autora é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Diretora Geral das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila e do Instituto Santa Teresa, de Lorena. Pós-graduada em Psicologia Clínica, Educadora e Pesquisadora do Programa de pós-graduação em Literatura e Crítica Literária, da PUC/SP.